

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ÍNDICE

Industrialização do Brasil.....	2
Expansão Cafeeira.....	2
Crise de 1929 e o Desenvolvimento Industrial no Brasil – De País Agrário a Urbano-Industrial.....	3
A Ditadura e o Milagre Econômico.....	4
O Pós-1985.....	5
Distribuição Geográfica das Indústrias no Brasil por Regiões.....	6
Distribuição Espacial das Indústrias.....	6
Concentração Industrial.....	6
Desconcentração Industrial.....	7
Tecnopolos Brasileiros.....	7

Industrialização do Brasil

Enquanto o Brasil foi colônia de Portugal (1500 a 1822) não houve desenvolvimento industrial em nosso país. A metrópole proibia o estabelecimento de fábricas em nosso território, para que os brasileiros consumissem os produtos manufaturados portugueses. Mesmo com a chegada da família real (1808) e a Abertura dos Portos às Nações Amigas, o Brasil continuou dependente do exterior, porém, a partir deste momento, dos produtos ingleses. Inclusive por essas condições, a agricultura tornou-se a principal atividade econômica do Brasil, durante o mercantilismo. Pelo pacto colonial, coube ao Brasil fornecer à metrópole produtos agrícolas tropicais e seus derivados.

No Brasil, a indústria deu seus primeiros passos ainda no século XIX, quando nos tornamos um Império; o café se tornou o principal responsável pelas mudanças sociais e econômicas do nosso país. A economia cafeeira, dominante nesse período, dinamizou as atividades urbanas, estimulou a imigração europeia e gerou um empresariado nacional com capacidade de investir em alguns setores industriais. Em 1850, devido à pressão da Inglaterra, houve o fim do tráfico negreiro para o Brasil, o que atraiu vários imigrantes para as lavouras de café que andava em alta.



Café, Cândido Portinari, 1935.

Os imigrantes trouxeram hábitos de consumo de produtos industrializados e alguma experiência em relação ao processo de produção industrial e ao trabalho como operários. Aos poucos, formou-se um mercado interno, que se ampliou, no final do século XIX, com a abolição da escravidão e a intensificação do processo de imigração.

Indústrias de alimentos, calçados, tecidos, confecções, velas, fundições e bebidas se espalharam rapidamente, sobretudo no estado de São Paulo, centro da atividade cafeeira e principal porta de entrada dos imigrantes. Apesar de todos os avanços da industrialização, a economia ainda era comandada pela produção agrícola, especialmente de café.

Expansão Cafeeira



RODRIGUES, João Antônio. Atlas para estudos sociais. Rio de Janeiro, 1977.p.26

No início do século XX, a indústria continua a crescer e a aumentar sua participação na economia brasileira. Algumas indústrias eram estrangeiras, mas predominavam as nacionais, na maioria, desenvolvidas por imigrantes, muitas delas inicialmente a partir de pequenas oficinas artesanais.

Crise de 1929 e o Desenvolvimento Industrial no Brasil – De País Agrário a Urbano-Industrial

Em um primeiro momento, a depressão econômica teve efeito devastador no Brasil. O país tinha sua base econômica construída a partir da exportação de gêneros agrícolas. Com a crise, grande parte do volumoso estoque de café produzido no Brasil ficou sem mercado consumidor. O Brasil não conseguiu conter o desastre econômico que abalou a classe cafeicultora e, por consequência, abalou as próprias estruturas políticas da República Velha, abrindo caminho para a Revolução de 1930, que levaria Getúlio Vargas ao poder. Vargas toma o poder por meio de um golpe de Estado contra o domínio da oligarquia agrária que comandara o país na primeira fase da República (1889-1930).

Até 1920, o contexto econômico do país não estimulava significativamente o desenvolvimento industrial, mas a crise introduziu mudanças nesse quadro. O violento corte nas importações de bens de consumo criou uma conjuntura favorável ao investimento, por parte do empresariado, na indústria nacional. As indústrias brasileiras passaram a ocupar então boa parte do mercado, que antes era praticamente abastecido só por produtos importados. Foi a partir daí (dos anos 1930-1940) que a indústria transformou-se em um setor importante da economia, alcançando taxas de crescimento superiores às do setor agrário. Por essa razão, afirma-se que o primeiro momento da industrialização brasileira baseou-se na **substituição de importações**. Além disso, o Estado passou a estimular os empresários industriais, que, em 1931, já haviam se organizado em São Paulo, com a criação da FIESP.

Logo no primeiro ano do Governo Vargas a economia diversificou-se tanto no setor industrial como no setor agrário. Ao lado das indústrias têxtil, alimentícia e de confecção, apareceram outros setores, como os de cimento, aço, materiais de transportes e extração mineral.

A primeira metade da década de 1940, ainda no governo Vargas, foi decisiva para a criação de uma infraestrutura industrial, com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional, da Companhia Vale do Rio Doce, da Companhia Nacional de Álcalis, da Fábrica Nacional de Motores e outras. No segundo governo de Vargas (1951-1954) foi criada a Petrobras (1953). Todas as empresas tinham participação majoritária do capital estatal.

A VIDA PARECE *mais Linda*

UMA SÍNCRONIA DE LINHAS ELEGÂNCIA

MOTOR DE 6 CILINDROS DE TORÇÃO PERFEITO

MAIS ESPAÇO MAIS CONFORTO

O novo HUDSON está por ficar com a preferência do consumidor brasileiro. O HUDSON, novo, a vida é mais bonita e mais saudável. Um veículo que traz o melhor conceito moderno em todos os pontos. Características do novo HUDSON: mais espaço em todos os pontos, melhor acabamento, um tipo diferente de guarnição de madeira, o carro é mais seguro. O novo HUDSON é econômico, é forte, é bonito, tem o melhor desempenho econômico disponível. Há variedade de suas variedades com o melhor acabamento. O novo HUDSON é o carro ideal para o campo e para a cidade. Tome mais tempo à sua vida, visite a exposição Hudson e veja uma demonstração, observe o fácil manuseio e a possibilidade de acionamento. Se sentir.

Visite a exposição HUDSON

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

Propaganda do sedan Hudson, 1941, revista O Cruzeiro.

A grande e decisiva arrancada industrial ocorreu a partir da década de 1950, com o chamado **Plano de Metas** no governo **Juscelino Kubitschek** (1956-1961). A eleição de JK representou o início do rompimento com a política nacionalista de Vargas. O novo modelo nacionalista defendido por JK concentrava-se no estímulo da produção local, não levando em conta a origem dos capitais investidos. Esse fato marca o início da internacionalização do parque industrial brasileiro.



O **Plano de Metas** tinha com objetivo “crescer cinquenta anos em cinco”, desenvolver a indústria de base, investir na construção de estradas e de hidrelétricas e fazer crescer a extração de petróleo, tudo com o objetivo de arrancar o Brasil de seu subdesenvolvimento e transformá-lo em um país industrializado. Os industriais brasileiros continuavam investindo nos setores tradicionais (tecido, móveis, alimentos, roupas e construção civil), e as multinacionais entravam no Brasil pela primeira vez, para a produção de bens de consumo.

O plano teve tanto consequências positivas quanto negativas para o país. Por um lado, deu-se a modernização da indústria; por outro, o forte endividamento internacional por causa dos empréstimos, que fizeram possível a realização do plano e a dependência tecnológica. Isto sem falar no grande êxodo rural, porque, à medida que os centros urbanos se desenvolviam, as características da vida rural não progrediam e reformas não eram implementadas. O Plano de Metas dividiu-se em 31 metas que privilegiavam 4 setores da economia brasileira: energia, transporte, indústrias de base e alimentação.

A Ditadura e o Milagre Econômico

Durante a Ditadura Militar, a indústria doméstica continuava protegida da concorrência internacional pelas elevadas tarifas de importação. Entretanto, a estrutura produtiva passou a ser dominada por três agentes: o capital estatal (que predominava nos setores de infraestrutura e de bens de produção), o capital privado nacional (dominava o setor de produção de bens de consumo não duráveis, tais como têxteis, alimentos, calçados, etc) e o capital transnacional (que se destacava principalmente no setor de bens de consumo duráveis, que se tornou o mais dinâmico da economia brasileira).

A partir da segunda metade do século XX, o setor automobilístico torna-se o setor industrial de maior destaque no cenário nacional, acompanhado de perto pelos eletrodomésticos.

O “sucesso” deste modelo econômico teve como suporte: a visão autoritária do regime militar, a abertura do Estado às elites capitalistas, a exploração da mão de obra, a grande concentração de renda e o elevado endividamento externo. Já no fim da década de 1960, o país amplia seu parque industrial e vem à tona o chamado **milagre econômico brasileiro (1968-1974)**, período no qual a economia brasileira crescia a taxas anuais de 9%, um crescimento comparado somente ao japonês e ao alemão do período 1950 e 1960.



A construção da ponte Rio-Niterói (RJ), 1974, foi uma das obras que mais marcaram o período do milagre econômico.

A partir de 1967, retomou-se o processo de desenvolvimento, graças à conjuntura favorável no plano internacional, que contava com um excesso de liquidez, ou seja, dólares à procura de aplicação. Aproveitando a situação, o ministro Delfim Netto lançou o plano de combate à inflação, assentado em duas bases: o endividamento externo para a obtenção da tecnologia estrangeira e a concentração da renda para criar um mercado consumidor. Esse plano garantiu um crescimento econômico, mas condenou o mercado a se desenvolver de uma forma distorcida, aumentando as desigualdades sociais. Outro lado negativo foi a perda da soberania nacional, em razão da dominação da nossa economia pelas multinacionais.



Delfim Netto e o General Médici, 1971.

O Pós-1985

A década de 1980 ficou conhecida como a década perdida e foi caracterizada pela recessão, pela inflação e pelo desemprego, gerados por uma economia estagnada após o segundo choque do petróleo de 1979. Nesse contexto, vários setores da sociedade apontavam o fim do Regime Militar, como “saída” para a crise. Mas os problemas continuaram (como a inflação elevada) com os governos civis no poder, fato que comprometeu a nossa industrialização.

A grave crise econômica iniciada em 1988 e a globalização da economia mundial foram os pontos de partida para o surgimento de um novo modelo econômico, que promoveu a intensificação dos fluxos internacionais de capitais nos mercados financeiros e abertura das economias nacionais ao comércio global. Os governos de Fernando Collor de Melo (1990-1992) e Itamar Franco (1992-1994) iniciaram essa abertura. Em 1991 iniciou-se o Programa Nacional de Desestatização, com grande participação de capitais provenientes dos Estados Unidos, Espanha e Portugal.



Em junho de 1994, a moeda brasileira passou a ser o Real. A mudança da moeda era parte de um plano econômico maior, que tinha como objetivo central o combate à inflação e a estabilização da economia brasileira. A ilusão da moeda forte e do consumo fácil fez com que o país entrasse às cegas na modernidade.

A verdade é que do século XX para o século XXI, o desenvolvimento industrial-tecnológico, colocou o Brasil entre as maiores economias no mundo, sendo considerado um dos mercados emergentes nesse início de século. Entretanto, grande parte da população ainda se encontra excluída do mercado consumidor dos produtos industriais, e o abismo entre os ricos e pobres tem-se acentuado ainda mais.

Distribuição Geográfica das Indústrias no Brasil por Regiões

Até por volta da segunda metade do século XX, o Brasil não possuía um mercado nacional consolidado muito menos um espaço geográfico de fato integrado. Na verdade, o país mais se assemelha a um “arquipélago”, com a existência de verdadeiras “ilhas” de economia primárias voltada para a exportação. A partir da década de 50, pela primeira vez na história, o Brasil deixa de ser um país essencialmente agrário, e a industrialização passou a comandar a economia nacional.

Distribuição Espacial das Indústrias



Concentração Industrial

Quanto à distribuição espacial da indústria, o que se verifica é uma grande concentração de estabelecimentos na região Sudeste. A concentração industrial na região, sobretudo, no estado de São Paulo, deve-se a fatores históricos que já conhecemos. Esses fatores (a lavoura de café, entre outros) orientaram o surgimento da atividade industrial nessa região. Mas outro fator também explica essa concentração espacial – é a interdependência que se estabelece entre as várias empresas industriais. Por exemplo, a indústria automobilística está ligada às metalúrgicas, às indústrias de autopeças, de tintas, de vidros etc.

Além disso, a concentração industrial é acompanhada pela concentração das demais atividades econômicas e extraeconômicas. Assim, a indústria, o comércio e o sistema bancário e financeiro dependem uns dos outros.

Por outro lado, a concentração das atividades econômicas gera um grande número de empregos, atraindo população de outras regiões e criando grandes centros populacionais, que necessitam de serviços, incluindo-se escolas, centros culturais e profissionais. Por isso, as grandes metrópoles são também os núcleos culturais mais desenvolvidos do país.

Desconcentração Industrial

Atualmente, seguindo uma tendência mundial, o Brasil vem passando por um processo de desconcentração industrial, chamada por alguns autores de desindustrialização, que vem ocorrendo intrarregionalmente e também entre as regiões.

Dentro da Região Sudeste há uma tendência de saída do ABCD Paulista, buscando menores custos de produção do interior paulista, no Vale do Paraíba, ao longo da Rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte. Estas áreas oferecem, além de incentivos fiscais, menores custos de mão de obra, transportes menos congestionados, e, por se tratar de cidades-médias, melhor qualidade de vida, o que é vital quando se trata de tecnopolos.

A desconcentração industrial entre as regiões vem determinando o crescimento de cidades-médias dotadas de boa infraestrutura e com centros formadores de mão de obra qualificada, geralmente universidades. Além disso, percebe-se um movimento de indústrias tradicionais, de uso intensivo de mão de obra, como a de calçados e vestuários para o Nordeste, atraídas, sobretudo, pela mão de obra extremamente barata.

Tecnopolos Brasileiros

Os “tecnopolos” são parques empresariais e científicos especializados no desenvolvimento da alta tecnologia e da chamada Tecnologia de Ponta (química fina, robótica, informática, eletrônica, raio laser etc.). As regiões de Campinas (favorecida pela presença da Unicamp), de São José dos Campos (onde está localizado o Instituto Tecnológico da Aeronáutica – ITA) e São Carlos (que abriga a UFSCar e um campus da USP) são alguns dos centros industriais que ostentam a tecnologia mais avançada do país.



Linha de montagem da aeronave Legacy, Embraer, em São José dos Campos (SP).

Exercícios**01. Sobre a indústria brasileira e sua distribuição espacial, assinale o que for correto.**

- a)* O Nordeste brasileiro, sem tradição industrial, embora com grandes cidades como Fortaleza, Recife e Salvador, não participa das atividades industriais brasileiras, pois as indústrias instaladas nestas cidades capitais são de bens de capital.
- b)* A segunda maior área industrial brasileira é formada pelo Complexo do Carajás que inclui Manaus, Belém e São Luís, onde se encontra a maior concentração de indústrias de bens de consumo duráveis do Brasil.
- c)* Um processo de desconcentração industrial ocorreu no Brasil beneficiando a região Norte que, com a criação do Mercosul, abriu um amplo mercado nos países do Cone Sul, e graças à densa rede de comunicações e de transportes, teve várias empresas nacionais e estrangeiras atraídas para essa região.
- d)* O Centro-Oeste é uma região carente de indústrias, merece destacar a presença da agroindústria que está ligada ao setor petroquímico, devido a forte presença de poços de petróleo nesta região.
- e)* A maior diversificação e maior concentração fabril do país ocorrem na capital paulista e arredores, o que se constitui no chamado ABCD paulista, que concentra hoje o maior número de empregos no setor secundário brasileiro.

02. Analise as seguintes afirmações que tratam do processo de industrialização no Brasil.

- I. No governo de Getúlio Vargas, foram criadas as condições de infraestrutura necessárias para a industrialização brasileira.**
- II. O governo de Juscelino Kubitschek priorizou a construção de rodovias e obras para geração de energia.**
- III. A década de 1990 foi marcada pela globalização da economia e pela consolidação do Brasil como grande produtor e exportador de tecnologia.**

Está correto o que se afirma em:

- a)* III apenas.
- b)* I e II apenas.
- c)* II apenas.
- d)* I e III apenas.

Gabarito

01 - E

02 - B